

ite Reis, 19-2.º E.
3BOA Codex

EXPRESSO (O)	Lisboa	-1. ABR 1983
GLOBO (O)	Lisboa	
AURORA do RIBATEJO	Benavente	
ILHAVENSE (O)		

Sim, não, "talvez"

É 385
provável que tenha sido a dra. Públia Hortênsia (de Castro), aventureira senhora e preclara humanista quem escreveu, no terso latim dela, a frase que me ocorre agora à memória e para a qual não acho outra maternidade: "o universo, sendo uno, tem muitas partes diversamente essencializadas e também a notícia dele é uma em muitas diversas ideias".

Se bem entendo a palavra da egrégia travesti calipolense (ou doutrem, sei lá) queria ela dizer que o Fernando Pessoa, sendo parte do universo, é uno, como ele, e, como ele, é feito de várias partes e a notícia dele é uma, por muitas ideias em que se parta. E se o Fernando Pessoa era parte do universo, também o somos nós — autor da peça de que estou a querer falar, encenador, cenógrafo e eu, espectador.

Ora, pois, a "Fernando (talvez) Pessoa", de Jaime Salazar Sampaio, em cena no Teatro Nacional-D. Maria II, ali posto em pé pela mão e cabeça de Artur Ramos e seus cooperantes, o que falta é transmitir-nos o uno de Fernando Pessoa e da sua notícia. Por outras palavras: basicamente, o espectáculo engana-se porque não nos quis dar a unidade pes-

soana, segundo a visão do seu autor, Jaime Salazar Sampaio, que estaria, por certo, tão errada como outra visão qualquer. O autor deveria ter-se arriscado e criado um texto onde pudéssemos discutir-lhe a sua ideia da unidade do poeta. Por modéstia apenas, estou em crer, Salazar Sampaio não o quis fazer e preferiu expor as partes "diversamente essencializadas" do autor da "Ode Marítima", pelo que correu o perigo de a) não ter apresentado todas as partes essenciais (faltam vários e fundamentais Fernandos no seu texto), b) ter apresentado partes inessenciais (Pessoa político, pela via da anedota,

"Fernando (talvez) Pessoa" não é o melhor espectáculo de Artur Ramos, nem o melhor original de Salazar Sampaio, ou o melhor Pessoa. Mas é, pelo menos, uma hipótese de irmos ao teatro

Orlando Neves

por exemplo), c) ter apresentado um recital poético pessoal (dele, Salazar Sampaio), d) não ter apresentado um texto dramático entre as partes de Pessoa e as suas partes (dele, Salazar Sampaio).

Ficamos, assim, face a um espectáculo sem caracterização nem jogo de autores (Pessoa, Sampaio, Ramos).

Mas, se deste ponto de vista há frustração — acompanhada, tecnicamente, de outra, que reside na estrutura carpinteiral da peça, excessivamente óbvia e primária — isso não quer dizer que "Fernando (talvez) Pessoa" não mereça ser visto e

ouvido e não mereça não ser visto e ouvido.

O sim, porque Salazar Sampaio tem dois achados teatrais: a introdução da Criança e do Professor; porque Artur Ramos conseguiu uma rara homogeneidade de interpretação, corrigindo defeitos ingénitos de alguns actores; porque São José Lapa tem dois apontamentos quase brilhantes; porque, em estilo revisteiro é despropositado (mas, aí, conseqüido), Carlos Cabral, António Anjos e também Igor Sampaio brincam, venturosos de actores como deve ser; porque António Rama é

exemplar de comedimento e dicção; porque, enfim, Fernando Pessoa se ouve e é bendito ouvi-lo.

O não, porque Públia Hortênsia não foi compreendida; porque é uma maldade vestir de pastor (beirão?) Varela Silva enquanto Caeiro; porque é insignificante o aparecimento dos três heterónimos (e disso não têm culpa os actores que, humildemente, se prestaram); porque a marcação é repetitiva e linear, a iluminação uma confusão; porque o cenário se ficou por apresentar as partes (pequenas); porque se permitiu a cena pífia do rancho folcló-

rico (ou mesmo toda a intervenção dos figurantes).

Assim, se "Fernando (talvez) Pessoa" não é o melhor espectáculo, nem o melhor Pessoa, nem o melhor Sampaio, nem o melhor Artur Ramos, é uma hipótese. De irmos ao teatro. Sem nos transformarmos, involuntariamente, em espectadores sonolentos o que, por azar apenas, parecia estar a ser característico do Nacional (onde se trabalha a um ritmo tão infernal que não se justifica o sono).

Só falta, agora, Salazar Sampaio escrever a sua peça sobre Fernando Pessoa. E outros dramaturgos também.

Garizo do Carmo



Pessoa & heterónimos: uma rara homogeneidade de interpretação